

A close-up photograph of a hand holding a dark blue pen, writing on a piece of paper. The lighting is warm and focused on the hand and pen, with the background being dark. The text is overlaid on the top right of the image.

# O DIÁRIO DE UM HOMEM SÓ

**LUIZ REIS**

Copyright©, 2023 dos autores

Capa, Projeto Gráfico e Preparação

Revisão

Luiz Reis

Dados Internacionais de catalogação na Publicação  
(CIP)

Reis, Luiz Carlos Rosa

O Diário de Um Homem Só/ Luiz Reis – Rio de  
Janeiro, 2023.

223p: Livro Digital

Bibliografia

ISBN 978-65-00-74237-4.

Apresentação O que venho contar para vocês é a história de um homem na casa de seus trinta e poucos anos que vive só nesse mundo. Não conheceu o que é ter uma família, ter alguém. Não teve sua mãe ou o seu pai por perto. Não conheceu o amor, não teve colo, não teve ninho. A vida se encarregou de transforma-lo em um homem adulto. Tenta como pode levar a sua vida de forma honesta e justa, tenta ter algum amigo, algum amor sincero, não consegue. Lhe falta alguma coisa, mas não consegue identificar o que é. Um dia, no ápice de sua solidão, não possuindo em casa caneta, lápis e nem papel; precisando desesperadamente desabafar com alguém seus dilemas; morrendo de medo se ver como louco falando sozinho; cria para si um grupo no WhatsApp e lá inicia quase que por instinto a produção de um diário em forma de áudios mandados nesse grupo secreto.

Junin do Barreiras desenvolve um segredo, um confessorário e um confidente. Não faz a menor ideia do que está fazendo e por várias vezes se questiona se aquilo é realmente uma boa ideia. Entre dificuldades técnicas iniciais, cansaço com sua rotina de trabalho e a iniciativa de oficializar a produção de um diário pessoal nosso nobre rapaz não percebe o quanto sua vida está se transformando. Aqui me preocupei em tocar em alguns assuntos sérios que afligem boa parte da população adulta: abandono parental, alienação parental e circulação de crianças. Cortes profundos na vida de uma criança sempre deixarão cicatrizes mal tratadas em adultos deslocados e desconfiados do mundo. Não sei se cumpri aqui meu papel ou se contribui de alguma forma com essa discussão. Espero que gostem.

À minha mãe  
Não sabia  
que era seu até  
terminar de escrever.

Tá, vamos lá. Sábado, 20 de maio de 2023. Take um. É isso mesmo que eu deveria falar? Sei lá. Tô gravando em um celular velho, em um grupo de WhatsApp que só tem uma pessoa: eu. Vamos lá. Não sei nada do que eu tô fazendo aqui. Só sei que preciso falar com alguém. Falo aqui comigo mesmo, talvez eu seja alguém. Estranho fala consigo mesmo.

Esquizofrênico? Não! Estou gravando em um celular e não conversando com a minha própria voz. Me chamo Pedro. Detesto esse nome: Pedro Alberto Oliveira Jr. Todo mundo me chama de Junin. Detesto ser chamado de Junin. Eu nunca me chamei de nada! Me chamam porque querem alguma coisa de mim, que eu faça alguma coisa pra elas. Nunca

pra uma boa. Detesto esse nome porque ele não é meu, é do meu pai. Que pai... Me chamam Junin porque eu Nasci da aventura de um violeiro metido a malandro que passou por aqui uma vez engravidou a minha mãe. Por tolice, esperança ou amor o meu nome acabou por seguir o dele. Junin. Detesto esse nome, com certeza. Queria pensar em outro nome melhor ou pelo menos diferente desse, não consigo. Não sei porque me importo tanto com isso. O que mais tem nesse mundo é Pedro. Pedro Junior também deve ter um monte e isso realmente não deveria fazer a menor diferença, mas faz. Finjo não saber o porquê. Eu sei. Culpa daquele lá. O violeiro Pedro Alberto Oliveira, vulgo Pedrinho Sete Cordas Esteve por aqui há algum tempo pra festa da cidade: EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA DE BOM JESUS. Ficou uma semana trabalhando na festa e tocou O Rei dos Canoeiros de Tião Carreiro uma noite em cima de um caminhão. Conheceu a minha mãe, só até onde

